

QUINTA DE QUELUZ ABRANGIA TERRAS DA HOJE AMADORA

QUELUZ HÁ ALGUNS SÉCULOS

Situada num baixio, com alguns outeiros à sua volta. Até meados do século XVII, era uma localidade de pouca importância, na qual os marqueses de Castelo Rodrigo tinham uma casa de campo e uma quinta de boas dimensões. Evoluiu nos séculos XVIII e XIX. Queluz era um dos centros da região saloia e saloios foram dois reis, dois príncipes, uma princesa, um infante e 7 infantas, nascidos no palácio. Queluz foi elevada a vila em 1802, com o nome de Vila Príncipe da Beira.

A QUEM PERTENCEU A LOCALIDADE?

Englobando uma boa parte do território da actual Amadora, pertenceu, durante seis séculos, a João ou Johom Pires, que o vendeu aos cônegos regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Sã Vicente de Fora, tendo depois passado para a Ordem de São João de Jerusalém, daqui para o Priorado do Crato quando anexo à Casa do Infantado. A quinta teria uma considerável extensão, chegando, como se afigura, até à Damaia.

E PARA OS MARQUESES DE CASTELO RODRIGO

No tempo dos Filipes (ainda lá está a ponte filipina a dividir Queluz da Amadora) veio para os Marqueses de Castelo Rodrigo, que construíram na quinta uma casa de campo e Cristovão de Moura (o marquês), que chegou a vice-rei de Portugal, viveu nela e seguiu a causa dos Filipes, altura em que a propriedade lhe foi confiscada (1640).

OUTROS DADOS HISTÓRICOS

Por decreto assinado em 16.05.1469, o rei Afonso V concedeu autorização à Igreja de São Cristóvão, para ficar com metade de um casal de pão em Queluz, na quinta dos Afonsos.

Em 1505, pertenceu a Mañame de Láparo, "mouro forro" e capelão de mouros, transitou depois para Lopo de Figueiredo e mais tarde foram os terrenos adquiridos pela infanta D. Beatriz, mãe do rei D. Manuel, que os viria a dar em troca, por outras em Lisboa, a D. Vasco Anes Corte Real. O palácio dos Marqueses de Belas (em recuperação) remonta a esta época.

PAÇO DE QUELUZ

Chegou a ser conhecido pelo "Versalhes Português", estamos a falar do palácio de Queluz, que serviu de paço durante vários anos. As obras decorreram de 1747 a 1794, sob a responsabilidade dos arquitectos Robillion e Mateus Vicente de Oliveira. Na construção estiveram alguns amadorenses e parte da pedra ali utilizada, em especial nos jardins, saiu das pedreiras da hoje Amadora.

RESIDÊNCIA OFICIAL

Um incêndio, em 10.11.1794, consumiu o palácio da Ajuda. A família real que, dias antes, tinha estado a passar o verão no palácio de Queluz, viu-se forçada a regressar por causa do incêndio na Ajuda. Queluz ficou a ser residência oficial até 27.11.1807, data do embarque para o Brasil.

O palácio de Queluz era a residência predilecta da rainha D. Maria I, apenas e só por ter sido obra de seu marido, o rei D. Pedro III.

PALÁCIO DE QUELUZ, VÍTIMA DAS INVASÕES DE JUNOT

Em 2.12.1807, uma força de infantaria e cavalaria cerca o palácio.

Junot exige que lhe sejam disponibilizados os mapas de rendimento das quintas de Queluz e de todos os bens da quinta do Infantado (casa a que o palácio pertencia). Era intenção de Junot fazer do palácio a residência oficial de Napoleão, tendo chegado a introduzir alterações em algumas salas. De passagem pela "Porcalhota" (hoje Amadora) Junot teria também ficado "debaixo de olho" com a quinta do Assentista (na Rua Elias Garcia).

A inversão dos acontecimentos fez gorar os intentos dos franceses e tudo voltou à normalidade.

PRINCIPAIS CERIMÓNIAS RELIGIOSAS NO PALÁCIO

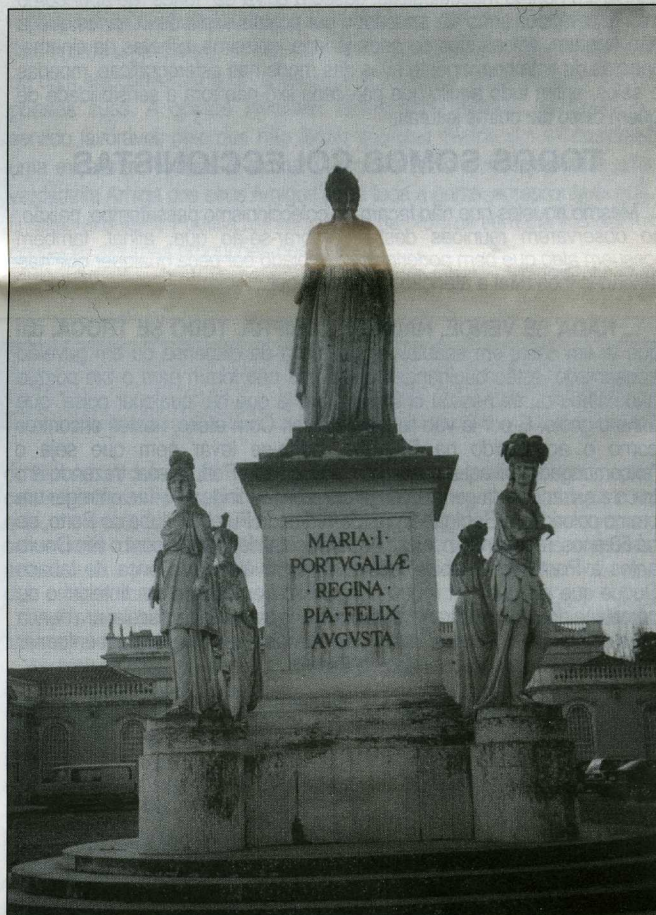
As festas da Conceição, Santa Bárbara, Nossa Senhora do Cabo eram as principais, quanto a esta última, D. Maria I promoveu, em 17.05.1784, grandes festejos que atraíram muita gente das redondezas e de Lisboa, festejos que iam até ao Cabo Espichel.

IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA NAZARÉ ESTEVE ESCONDIDA NO PALÁCIO

Os invasores franceses levaram do país muitas relíquias e imagens. Com receio disso, a imagem de Nossa Senhora da Nazaré foi trazida desta terra piscatória do seguinte modo, conforme a existência da inscrição na casa que foi de João Luís, no sítio do Pendão, aqui bem perto da Amadora:

"A invasão dos bárbaros franceses em este reino de Portugal, motivou o facto extraordinário da saída da milagrosa imagem de N.ª Sr.ª da Nazaré da sua igreja e real capela, cuja sacrossanta imagem por uma encadeação de acontecimentos raros veio ter a casa de João Luís, no Pendão de Belas, trazida pelo Padre António Baptista de Carvalho, mordomo da Casa Real da dita senhora (...) chegou no dia 12.10.1840".

O regresso da imagem à Nazaré foi uma verdadeira manifestação de fé numa procissão, com várias etapas, uma das quais na igreja de Benfica, ao tempo paróquia dos sítios da Amadora.



Palácio de Queluz.